

QUANDO O OUTRO SOU EU: FIOS E DESAFIOS DE UMA PESQUISA COM CRIANÇAS

Emilene Leite de Sousa

Mestranda em Sociologia pelo PPGS/UFPB/UFCG. Bolsista do CNPq.
Rua João Suassuna, 1628, 1º Andar, Bairro Monte Santo. Campina Grande, Paraíba.
CEP: 58101-551. E-mail: emilenesousa@ig.com.br

Palavras-chave: Metodologia - Crianças - Relativização

Área do Conhecimento: VII – Ciências Humanas

Resumo: O objetivo maior deste ensaio é tratar de questões metodológicas sobre uma pesquisa com crianças. A pesquisa tem como objetivo verificar como o lúdico é vivenciado pelas crianças *Capuxu* (que habitam uma comunidade campesina) durante a realização do trabalho infantil. Este estudo resultou numa etnografia. No decorrer da pesquisa vivenciei a difícil tarefa de me socializar junto as crianças, tecendo fios de amizade e respeito mútuos, com o intuito de conhecê-las e entrevistá-las. Descobri novas formas de realizar pesquisas junto a crianças de 2 a 7 anos, ainda não freqüentadoras da escola. Pude então, com a ajuda de meus sujeitos de pesquisa, vencer os obstáculos e desafios que uma pesquisa com crianças impõe a qualquer pesquisador-adulto, que deseje dar a esta categoria o direito de voz que extrapola as palavras e se expressa pelas práticas do ser criança, quando se diz o indizível. Neste legítimo exercício de relativização vivenciei a situação do Outro que era a todo momento descoberto pelos seus "informantes". E pela primeira vez o Outro fui eu.

Universo da Pesquisa

Esta pesquisa se realiza no município de Santa Terezinha – PB. Este município tem uma área total de 304,4 Km e uma população de 4.980 habitantes, sendo 3.881 no meio rural e 1.099 na área urbana.

O Sítio Santana – Queimadas está localizado a 8 km da cidade de Santa Terezinha. É nele que vive o povo *Capuxu*¹, a 8 km da cidade de Santa Terezinha. É nos 18km de extensão do Sítio que estão abrigadas 49 famílias que formam um total de 235 habitantes.

A história do povo *Capuxu* permanece uma incógnita. Não se sabe exatamente quando chegaram ao local os primeiros habitantes que iniciaram ali a história da comunidade. Não se sabe mesmo de onde eles vieram. Todavia, a tentativa desse resgate histórico já teve início com um grande empenho por parte da comunidade em descobrir sua própria origem. Há rumores de que o primeiro habitante do local teria sido

um baiano cujo nome era Agostinho Nunes da Costa. Esta informação justificaria o sotaque do povo caracterizado pela lentidão com que pronuncia as palavras.

Diz-se do termo *Capuxu* que este lhes fora dado por conta de um de seus antecessores que se chamava João e tinha como hábito a caça de abelhas, dentre as quais havia destaque para a espécie *Capuxu*, de modo que o apelido João *Capuxu* lhe foi concedido pelo povo das redondezas e repassado de geração a geração.

Além das 49 casas construídas e dos roçados e hectares de terra distribuídos de forma desigual entre as famílias, encontramos no local, pequenos barreiros, uma escola, um posto telefônico e uma igreja, além da casa paroquial. Há ainda campos de futebol onde se desenrolam os treinos nos fins de semana e o clássico entre os dois times do local, geralmente realizadas em datas comemorativas.

Quanto a estas datas, ressaltamos o São João com apresentação de quadrilhas, forró e comidas típicas e a festa da Padroeira Sant'ana que é realizada em Julho sendo uma das mais famosas da região.

¹ Capuxu – S.M. bras. Zool. Inseto Himenóptero, vespídeo, espécie de vespa social.

A comunidade *Capuxu* vive basicamente da agricultura de subsistência. Algumas outras ocupações, rurais ou não, aparecem esporadicamente para estes agricultores, sendo o cultivo do milho, feijão, legumes e frutas diversas, o que garante a sobrevivência de toda a comunidade.

O povo *Capuxu* é também motivo de orgulho para a Secretaria de Educação do município. É detentor do maior índice de alfabetização da região e atualmente nenhuma das crianças em idade escolar está fora de sala de aula.

Outra característica interessante desse povo, é o sistema endogâmico de casamento. Dentre as 49 famílias atuais somente 3 se casaram com pessoas que não são parentes entre si. É normal o casamento entre primos legítimos e “carnais”² de modo que em todo o Sítio há a predominância de 4 sobrenomes: Ferreira, Lima, Menezes e Costa. Este casamento entre parentes seria o casamento preferencial do local.

Embora não haja casos de deficientes físicos visíveis na localidade, fui alertada para uma espécie de esclerose precoce que ocorre a alguns membros de lá e é responsável por várias internações com pacientes de 20 a 40 anos. Acredita a grande maioria dos habitantes que esta doença seria resultado da intensa “mistura de sangues” causada por estes casamentos.

Quando o Outro sou Eu

“Ô de casa...” A minha voz ecoou na casa quase sem móveis, com a porta de cima aberta e a de baixo somente encostada. Lá de dentro ouvi uma voz fina e trêmula que gritava enquanto corria aproximando-se cada vez mais: “Ô de fora...”

Diante de mim uma criança de aproximadamente 3 anos e meio. Eufórica, hábil e curiosa, chegou antes mesmo dos adultos à sala. Suas feições foram de surpresa a vergonha quando se deparou comigo, de pé, em frente à porta.

Recuou imediatamente com seus passinhos curtos para trás em busca do sofá enquanto me olhava. Escondeu-se por trás

dele e pôs suas mãozinhas em cima do encosto. Eu sorria.

Tudo isso não durou mais que uma fração de segundos. Sua mãe seguia seus passos vindo lá de dentro a reprová-la: “mas Denise é atrevida; ô menina atrevida!”

Abriu um sorriso ao me ver, limpou suas mãos na saia antes de estender para mim a sua mão direita. Neste mesmo percurso, empurrou com os pés a cabeça de uma boneca que estava no chão. O nosso aperto de mãos fez-me sentir em casa mais uma vez.

Não fiquei lá mais do que uma hora. Na verdade, fui somente num “survey” revê-los e marcar as datas dos próximos encontros enquanto não me mudasse para lá.

Durante a conversa acompanhei com o olhar os passos de Denise que, suja de terra, cobria sua nudez com uma calcinha.

Lentamente ela se aproximou, afinal, a sala já estava cheia dos vizinhos (inclusive crianças) que não paravam de chegar. Escondeu seu rosto na saia da mãe que me falava. Depois, sentou-se no sofá envelhecido quase sem ocupar espaço.

Aos poucos os vizinhos voltaram às suas casas e afazeres depois de terem me cumprimentado. Ficamos, portanto, eu e Denise na sala, enquanto a mãe dela preparava o almoço.

Permaneci sentada na cadeira de balanço e tentei estabelecer contato perguntado o que, na verdade, já sabia: “qual seu nome?” Ela envergonhada sorria, mas não dava qualquer resposta.

Depois de um tempo e várias tentativas de diálogo frustradas, ela entrou por um segundo afastando com a mãozinha a cortina transparente que separava os cômodos. Senti-me fracassada: acabava de distanciar de mim uma de minhas principais informantes.

Meu sentimento de incompetência se rompeu com o barulho de uma caixa de papel que vinha sendo arrastada pelo chão. Denise trouxe para sala seus brinquedos. Entendi que me fazia um convite.

Sentei no chão frio - de cimento - ao seu lado, e comecei a tirar com ela seus brinquedos da caixa velha de papelão: o corpo nu da boneca cuja cabeça, suponho, estava no canto da sala. Um caminhão sem as rodas traseiras, os restos do que um dia

² Carnal: termo popular. Entende-se por primos carnais, aqueles cujos pais são irmãos entre si. Ex.: dois irmãos que se casam com duas irmãs, (“casamento trocado”) seus filhos serão primos carnais.

foi um robô, uma bola furada, um fogão de plástico em miniatura, uma vassourinha do mesmo tamanho e mais uma série deles, todos deteriorados.

Demonstrava admiração a cada brinquedo retirado, indagando: “para que serve?” no intuito de que se sentisse a vontade, mas ela permanecia em silêncio. Interrompi minha tentativa de diálogo para almoçar. Não podia recusar, pois seria uma ofensa.

A tarde foi toda de visita às casas do local. As crianças sempre apareciam às calçadas ao ouvirem o ruído do carro da prefeitura que me conduzia até lá.

Mas eu pensava, o tempo inteiro, quando retomaria com Denise a nossa aproximação. Temia que não conseguisse convencer as crianças a falarem comigo, afinal, sou só uma pesquisadora.

Depois de visitar a quase todos, retomei o caminho para casa de meus pais, e este, passava necessariamente, pela porta da casa de Denise.

Lá estava ela, com a mesma calcinha sentada num acúmulo de terra em frente a sua casa, movendo caixas pequenas de margarina, garrafas e tampinhas.

Voltei o meu corpo no carro na tentativa de vê-la brincar sem se sentir observada. Mas estava enganada, ela havia me visto. Só descobri quando se pôs de pé, a abanar a mãozinha suja no sentido de um tchau. Enquanto lhe retribuía o tchau, eu sorri. Havia conseguido.

Começar esta pesquisa não foi uma tarefa fácil. Pelo contrário, para mim foi uma das mais árduas tarefas que desenvolvi nesta ainda curta carreira acadêmica. Não reduzo as dificuldades e os obstáculos encontrados ao seu início, na verdade, toda ela tem sido melancólica e triste, como diria Roberto DaMatta, como um Blue (Nunes, 1978:23).

Talvez para alguns eu pareça pessimista ou exagerada, herdeira de Weber neste último caso, por ter este autor definido o seu ofício na frase “Exagerar é a minha profissão.” (Cohn, 1979:07)

A germinação dessa proposta de pesquisa se deu ainda na graduação. Todavia, quantas nuances, mudanças de enfoque e de objetivos marcaram as

profundas modificações que a idéia inicial sofreu.

Eu era bolsista de iniciação científica, PIBIC/CNPq, e pesquisava a disposição dos jovens filhos de agricultores familiares em assumirem ou não o trabalho agrícola. Entretanto, a presença freqüente das crianças no roçado ou em casa, durante as entrevistas que realizava, despertava insistentemente a minha atenção.

Mais ainda quando entre uma pergunta e outra durante as entrevistas que fazia com os jovens e seus pais, no roçado, um destes pequenos nos interrompia com suas gracinhas e travessuras. Eles brincavam por toda parte, nos roçados, terreiros, monturos e no interior das casas. E brincavam mesmo enquanto ajudavam a família, a limpar a terra, plantar ou colher (as três fases do ciclo agrícola).

Confesso que diante do inusitado me surpreendi: ao contrário do que esperava encontrar, as crianças brincam alegremente no ofício de um trabalho que há muito se diz violento e explorador.

A partir de minha experiência empírica nasceu o meu Objeto, ali mesmo, no roçado vendo cabos de enxada virarem cavalinhos e espigas de milho adquirirem vida e se transformarem em Viscondes de Sabugosa.

As minhas indagações não são um disparate. Afirmam a imprensa e a ciência que todo e qualquer trabalho realizado durante a infância conduz a não vivência dessa fase do ciclo de vida. Mas, como negar a vivência de uma infância que ali mesmo me saltava aos olhos?

As crianças filhas de agricultores familiares são levadas ao roçado, ajudam aos demais membros da família, mas nem por isso deixam de viver o lúdico e a infância.

Com esta experiência empírica confrontei a teoria. O que presenciei em campo não legitimava o que diziam alguns autores da literatura sociológica. A construção deste problema me levou outras tantas vezes a estas crianças, as suas vidas e as formas de vivência da infância.

Com elas descobri e descubro a cada dia, no mais legítimo exercício de relativização que já pratiquei, novas formas de se viver a infância, o trabalho e o lúdico.

Mas, como dissera, realizar esta pesquisa não tem sido uma tarefa fácil. Inicialmente,

porque o caminho que me leva às crianças camponesas é sempre adverso ao caminho das teorias sobre o trabalho e a infância. O que exige de mim um contínuo exercício de relativização.

Durante a primeira semana de pesquisa intensamente vivida entre eles eu enfrentei alguns entraves metodológicos. O primeiro deles foi em relação ao senso local que eu já havia iniciado. O objetivo deste senso era o registro dos habitantes de um local que não tem qualquer história oficialmente reconhecida. A principal dificuldade para a elaboração desse senso se deu devido a grande extensão da comunidade que não permite a um pesquisador percorrer-la sozinho neste trabalho de coleta de dados num breve período de tempo.

Outro entrave se dá porque a opção por fazer uma etnografia exige a minha permanência no universo *Capuxu*, e, distante do meu próprio mundo, vivencio a pesquisa como um empreendimento solitário.

A alegria do dia - no corre-corre com as crianças - é logo substituída pela solidão noturna, elas adormecem ao cair da noite, e eu, com as minhas reflexões, fico à mercê da nova manhã que trará de volta os meus companheiros diurnos. Alegro-me acordar com os gritos estridentes vindos da escola, ou melhor ainda, com os sussurros e olhares que atravessam o quarto entrando pelas frestas da janela. Elas, as crianças, conseguem sempre acordar primeiro que eu.

Além deste entrave empírico - digo, pessoal - reza a teoria, os meus sujeitos de pesquisa constituem uma categoria sem voz. Silenciosa para a ciência sociológica ou antropológica, a infância é sempre, como diz o próprio termo, propriedade do não-falar, do silêncio, "pequena humanidade silenciosa, que gravita penosamente ao redor dos adultos (e dos pesquisadores!)" (Martins, 1993:09).

Mas não falaria a infância uma outra linguagem?! Uma linguagem, talvez, distinta da literal, da científica, da midiática e dos adultos?

Estudando a infância, e especificamente a das crianças camponesas que é caracterizada também pelo trabalho, descubro que há muitas formas da criança (*infante*) falar.

As crianças de toda e qualquer cultura falam muito sobre si mesmas. O problema talvez não resida na incapacidade de falar das crianças (como acreditaram aqueles que deram a esta fase do ciclo de vida do indivíduo o nome de infância - qualidade do que não fala). O problema está no discurso que se faz sobre elas que está sempre na terceira pessoa.

Por isso se diz que a criança é sempre o Outro em relação àquele que sobre ela fala. Construir um discurso a respeito da criança e sua infância exige do pesquisador uma cautela semelhante aquela de quem reconstrói um brinquedo que a própria criança quebrou.

Mas é possível, ao contrário do que muitos pensam, deixá-la falar. A tarefa do pesquisador, neste caso, não é mais do que entender os mecanismos e dispositivos através dos quais a criança fala de si e de sua infância. Busco neste trabalho não falar *sobre* ou *da* criança mas trazer a voz da criança sobre seus modos de brincar e trabalhar.

Entre as crianças camponesas que trabalham na roça, um dos principais dispositivos no falar sobre si, pasmem!, é o lúdico. Através do brinquedo, do brincar e da brincadeira, consegui instaurar laços de sociabilidade com os sujeitos de minha pesquisa.

Uma música infantil³, colocou-me lado a lado com as crianças e me permitiu os primeiros tímidos apertos de mãos. Essa timidez, bilateral, foi rompida com a descoberta da possibilidade da comunicação (através da brincadeira) delas mesmas com um adulto - eu.

É através desta linguagem que desenvolvo esta pesquisa. O meu contato com elas, cada vez mais forte e pessoal, me permite vivenciar um pouco do que é ser criança camponesa.

Compartilho com as crianças *Capuxu* um pouco da sensibilidade que a academia ainda nos permite ter. E elas compartilham comigo, suas histórias, seus instrumentos de trabalho, seus brinquedos e suas brincadeiras.

³ "Se passarinho voa eu também quero voar, com o biquinho para o chão e as asinhas para o ar. O pé, o pé, o pé, a mão, a mão, a mão, dê uma volta meu amigo, aperte a mão do seu irmão."

A observação, especialmente a participante, é o principal método para a construção desta etnografia⁴. O descrever densamente, conforme propôs Geertz (1989), só se faz possível por conta da minha experiência intensa de viver entre eles. Esta experiência me faz reformular hipóteses e objetivos, descobrir o inusitado e esquecer o teoricamente impossível.

Os meus métodos foram repensados. As entrevistas, com seus roteiros previamente preparados, cederam lugar as conversas mais informais, quando as crianças me davam as informações mais importantes sobre si mesmas.

A realização das entrevistas foi dificultada pela inquietude típica da infância. Mas o uso do gravador não se fez dispensável. Este, junto à máquina fotográfica, se transformou em espécie de “senha de entrada” para mim no campo. A descoberta da própria voz no gravador exerceu um fascínio tamanho entre as crianças que, quando a notícia do “radinho” se espalhou, todas vinham falar e cantar para que eu gravasse e exibisse depois suas vozes. O uso da máquina fez com que eles me chamassem a qualquer novo acontecimento para que eu registrasse com as minhas fotografias.

Todavia, a tentativa de registros dos momentos por meio da fotografia não foi de todo fácil. O meu intuito era de flagrar os momentos lúdicos e de trabalho das crianças da maneira mais espontânea possível. Com esse fim, passei a ter a máquina fotográfica sempre em punho e pronta para qualquer flagrante.

Entretanto, esses acontecimentos não requerem, no mais das vezes, uma fração de segundos. E uma vez flagrado o momento, o tempo de preparação para a foto é suficiente

para que as crianças corram envergonhadas, deixando brinquedos, instrumentos de trabalho e local em busca da proteção de um adulto.

Quando isso não ocorria – e passou a ocorrer cada vez menos com a minha aproximação com elas – acontecia das mães darem sempre um jeito de tirar as crianças rapidamente para vesti-las ou arrumá-las. Havia um desejo constante por parte das suas mães de que nas fotos os seus filhos aparecessem sempre bem vestidos, limpos e arrumados, assim, a espontaneidade do momento era interrompida.

As crianças desejam em minha companhia sempre a diversão, e enquanto nos divertimos, tal qual elas fazem no roçado, eu trabalho. Pois então não pode o trabalho ser brincadeira e vice-versa?

O distanciamento que deve existir entre sujeitos de pesquisa e pesquisador, para aqueles que acreditam na objetividade e neutralidade científica, não é válido para mim.

No fim do dia gravava todas as minhas impressões e sensações e escrevia no diário de campo. Tantas vezes, escrevia sobre as crianças enquanto elas me cercavam à mesa, ou brincavam por perto. Acabava sempre interrompendo meus registros e cedendo ao apelo do brincar e do conversar. Enquanto não o fazia eles me pediam lápis e papel e sentavam ao meu lado preenchendo todos os papéis possíveis com o meu nome com letras de todas as cores e tamanhos. Nesses papéis ficou o registro do carinho e da aceitação que me proporcionaram, da compreensão da diferença, do respeito mútuo.

Esta etnografia, mais do que um exercício de alteridade e relativização, é um exercício de paixão. Ao contrário do que pensei, a minha relação com os meus “pequenos sujeitos de pesquisa”, brotou rápida e apaixonadamente nas minhas ainda primeiras horas entre eles.

A diferença de idade, pois sou pesquisadora-adulta não os afastam de mim. Num primeiro momento foi mesmo a curiosidade que os trouxe para perto, em grande quantidade, para ver-me. Pendurados às janelas, os menorzinhos nos braços dos maiores, pelas frestas das portas, por trás de

⁴ Esta pesquisa inspira-se metodologicamente na proposta de Geertz (1998) em fazer etnografia. Para este autor (1989: p.25) fazer etnografia “é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.” Fazer etnografia, portanto, é muito mais que transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e etc. Fazer etnografia consiste no esforço intelectual do pesquisador em produzir uma descrição densa do objeto em estudo. Produzir uma descrição densa é a capacidade de seguir uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos das quais o objeto de estudo é passível de interpretação e sentido.

sofás e cortinas, entre plantas, paredes, redes e dobradiças eles me descobriam.

Depois, a timidez cedeu lugar a curiosidade que se intensificava e eles desejavam ver-me de perto quase tanto quanto eu a eles. Os seus olhos descobriam em mim o diferente. O Outro era eu. As suas mãozinhas ansiavam por tocarem os meus pertences e os instrumentos de trabalho (gravador, fitas, lápis, cadernos, máquina fotográfica, livros, etc.). Pouco a pouco brincavam com eles e me interrogavam a respeito como se fossem eles os pesquisadores e eu a grande descoberta.

É, ao contrário do que dizem alguns, ciência também se faz com paixão. As crianças são os meus informantes, companheiros e guias. Acompanham-me por toda parte, apresentam-me uns aos outros sussurrando o meu nome.

Em poucos dias entre as crianças já conseguia falar um pouco da linguagem deles. Não diz Malinowski que aprender a língua do nativo é preciso? (Guimarães, 1998:39) Esforcei-me e consegui falar, através das brincadeiras, a linguagem das crianças e não houve para mim experiência maior.

E, assim como acontece com as crianças *Capuxu* é através do trabalho e do lúdico que cumpro o processo de socialização junto às crianças e a comunidade.

Chegar ao Sítio Santana não foi para mim a tarefa mais difícil. Difícil me foi partir e deixar para trás meninos e meninas que não entendiam a minha partida. Pois não cumpro o ritual de inserção na comunidade?

As crianças me aceitaram e, diante disso, que adulto me recusaria? Aliás, é delas que me vêm os convites para ir as suas casas, aos seus roçados, a escola, e usar os seus brinquedos (haverá para um adulto prova de aceitação maior de uma criança do que lhe permitir o uso de seus brinquedos?). Nos seus olhos não parece haver alegria maior do que a de ver um adulto experimentando com elas a infância.

Através de suas brincadeiras, em casa, no roçado e demais espaços do Sítio Santana, as crianças *Capuxu* me falam muito sobre si mesmas. Equivocada estive quando esperei que me falassem através de entrevistas aquilo que somente com a experiência cotidiana pode ser dito.

Por isso insisto que, com exceção do *locus*, a experiência de viver entre eles foi, de todas, a melhor escolha que fiz. Diante das teias de significados em que me envolvi, nenhum outro método daria conta da tarefa a que me propus: descrever densamente. (Geertz, 1989)

É com uma experiência especialmente pessoal que componho essa etnografia. Do contrário, não poderia talvez desvendar os significados das teias socialmente tecidas pela comunidade *Capuxu*.

As concepções de trabalho, infância e brincadeira aqui presentes, são aquelas reconhecidas e legitimadas pela comunidade.

A minha tarefa não é mais do que observá-las e narrá-las. Para isso, debruço sobre a comunidade o olhar atento de uma criança que descobre um brinquedo.

Na realização do trabalho infantil *Capuxu*, entre enxadas e pés de milho, as crianças não perdem a infância, elas brincam de se esconder. A minha tarefa é a descobrir esta infância que para muitos está perdida, escondida entre o trabalho e o lúdico vivenciados juntos.

Para tanto, faço destas crianças os sujeitos de minha investigação. Toda a atenção da pesquisa está voltada para as crianças, em suas palavras e ações.

A observação está sendo realizada especialmente a partir das seguintes fontes:

a) Brincadeiras do cotidiano: chamo aqui de cotidiano os dias da semana que vão de segunda-feira a sábado – uma vez que somente nos domingos as crianças não vão ao roçado. Dou ênfase as mais diversas brincadeiras realizadas no âmbito da casa e do roçado.

b) Brincadeiras de fim-de-semana: observo assim as brincadeiras realizadas sem a dimensão do trabalho – fora do espaço da roça – além da confecção dos brinquedos.

c) Brincadeiras do ciclo agrícola: o ciclo agrícola é marcado essencialmente pela preparação da terra (limpa), plantação e colheita. Verifico, deste modo, a existência ou não de brincadeiras típicas ou específicas para cada ciclo.

d) Brincadeiras dos períodos festivos: as datas comemorativas do local são espaços e períodos próprios para a vivência do lúdico.

Dentre eles o São João, São Pedro, Santo Antônio e Sant'Ana, que é a padroeira local.

A observação em campo dá ênfase a essas várias fontes com base nas quais construo uma etnografia de como a criança *Capuxu* vivencia o lúdico.

Bibliografia

- COHN, G. (Org.) **Max Weber**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. SP: Ática, 1979.
- DAMATTA, R. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1981.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. RJ: Editora Aplicada, 1989.
- GUIMARÃES, A. Z. (Org.) **Desvendando Máscaras Sociais**. 2ª edição. RJ: Livraria Francisco Alves Editora, 1998.
- MARTINS, J. de S. (coord.) **O Massacre dos Inocentes: a criança sem infância no Brasil**. 2ª edição. SP: Hucitec, 1993.
- NUNES, (Org.) **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- SOUSA, E. L. "O futuro profissional da juventude rural: os jovens *Capuxu* e os filhos do Quandú". In: **Agricultura Familiar, Meio Ambiente e Desenvolvimento: ensaios e pesquisas em Sociologia Rural**. DUQUE, G. (org.) JP: Editora da UFPB, 2002.